



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Jaciane Pereira de Lima

De estudante a Agroecóloga: um relato de formação em Agroecologia e o vínculo
institucional e afetivo com a UFRPE.

Recife (UFRPE/Sede)

2026

Jaciane Pereira de Lima

**De estudante a Agroecóloga: um relato de formação em Agroecologia e o
vínculo institucional e afetivo com a UFRPE**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Agroecologia

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Figueiredo Porto Neto.

Recife (UFRPE/Sede)

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Lorena Teles – CRB-4 1774

L732e Lima, Jaciane Pereira de.
De estudante a agroecóloga: um relato de formação em
Agroecologia e o vínculo institucional e afetivo com a
UFRPE / Jaciane Pereira de Lima. – Recife, 2026.
50 f.; il.

Orientador(a): Fernando de Figueiredo Porto Neto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado
em Agroecologia, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Reflorestamento. 2. Desenvolvimento sustentável. 3.
Agrossilvicultura. I. Porto Neto, Fernando de Figueiredo,
orient. II. Título

CDD 630.2745

Jaciane Pereira de Lima

De estudante a Agroecóloga: um relato de formação em Agroecologia e o vínculo institucional e afetivo com a UFRPE.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 09 de fevereiro de 2026.
Departamento de Educação da UFRPE

Ana Cláudia de Lima e Silva
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Fernando de Figueiredo Porto Neto, Dr.
Orientador (UFRPE)

Profa. Júlia Figueredo Benzaquen, Dra.
UFRPE

Profa Leane Pereira Cordeiro, MSc.
UFRPE

Profa. Rebeca Oliveira Duarte, Dra.
Suplente/ UFRPE

Guilherme José de Vasconcelos Soares, Dr.
Examinador Externo/UFRPE

Dedico esse Memorial aos meus familiares que já partiram, principalmente meu pai, José Pereira de Lima e meu sobrinho, João Paulo Pereira de Castro.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à espiritualidade pelo direcionamento do meu percurso; à Universidade Federal Rural de Pernambuco, que me fez sentir em casa; à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, que me permitiu caminhar no meu primeiro ano, como bolsista; ao meu querido e estimado orientador Professor Fernando de Figueiredo Porto Neto, por me incentivar a aprender e ser meu farol em momentos de dúvidas; aos docentes, técnicos administrativos, principalmente aos que estão lotados na Pró-Reitoria de Extensão, onde desde meu ingresso no curso, fui estagiária; aos terceirizados e aos que fazem parte da Estação Ecológica do Tapacurá, onde realizei meu Estágio Supervisionado Obrigatório I; aos estagiários do Laboratório de Aquicultura e Sustentabilidade do Departamento de Zootecnia, onde realizei meu Estágio Supervisionado Obrigatório II; aos companheiros do Coro UFRPE, onde aprendi com a música a ter mais sensibilidade; aos companheiros de curso, pela parceria; à minha família, pelo suporte aos meus animais em minha ausência, devido às imersões.

“Honrarás a fauna, a flora, todas as formas de vida, e não apenas a humana”.

João de Vasconcelos Sobrinho
(*Catecismo da Ecologia*, 1979)

RESUMO

O objetivo do texto visa descrever minha trajetória no curso Bacharelado em Agroecologia, utilizando minhas memórias escritas, materiais didáticos utilizados em aulas presenciais, fotos, materiais de uso pessoal e pesquisas sobre a história da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Exibo também detalhes sobre imersões, temáticas, extensão universitária, alinhando teoria científica aos saberes populares com foco nos Estágios Supervisionados Obrigatórios I e II, que me deram oportunidade de aprofundar mais o conhecimento sobre reflorestamento, sistema agroflorestal e sustentabilidade, respectivamente, e onde pude reconhecer que ambos são estratégias para regeneração de ecossistemas degradados e conservação ambiental, e nesses processos, houveram experimentos de campo com contínuo acompanhamento e resultados positivos, com a verificação de aumento de material orgânico no solo. Reafirmo a importância do trabalho de João de Vasconcelos Sobrinho perante a situação climática contemporânea, e que é referência de estudos, vivências e defesa da ecologia no Brasil desde a década de 1940.

Palavras-chave: reflorestamento; sustentabilidade ; sistemas agroflorestais .

ABSTRACT

The objective of this work is to describe my trajectory in the Bachelor of Agroecology program, utilizing written memoirs, teaching materials from in person classes, photographs, personal records and research regarding the history of the Federal Rural University of Pernambuco(UFRPE). I also present details about immersions, core themes, and university extension, aligning scientific theory with popular knowledge. The focus is centered on the Mandatory Supervised Traineeships I and II, which provided the opportunity to deepen my knowledge of reforestation, agroforestry systems, and sustainability, respectively. Through these experiences, I recognized that both are vital strategies for the regeneration of degraded ecosystems and environmental conservation. During these processes, field experiments were conducted with monitoring and positive results, notably the verified increase of organic matter in the soil. Furthermore, I reaffirm the importance of João de Vasconcelos Sobrinho's work in the face of the contemporary climate situation, as he has been a benchmark for studies, lived experiences, and the defense of ecology in Brasil since the 1940s.

Keywords: Reforestation; Sustainability; Agroforestry Systems.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Agroecologia
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADUFERPE	Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco
AGRINORDESTE	Feira de Agronegócio Indoor do Norte e Nordeste
ASSIM	Associação dos produtores Agroecológicos e Moradores das Comunidades Imbé, Marreco e Sítios Vizinhos
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
BIA	Bolsa de Incentivo Acadêmico
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
CEPENE/ICMBIO	Centro Nacional de Pesquisa e da Conservação da Biodiversidade Marinha do Nordeste
CETREINO	Centro de Treinamento de Carpina
CIADT	Congresso Internacional Agroecologia e Desenvolvimento Territorial
CMDRS	Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável
CODAI	Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas
CONEX	Congresso de Extensão
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DRCA	Departamento de Registro e Controle Acadêmico
DZ	Departamento de Zootecnia
EET	Estação Ecológica do Tapacurá
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAFIRE	Faculdade Frassinetti do Recife
FIES	Financiamento Estudantil
FETAPE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco
FOFA	Foco, Oportunidade, Fraqueza, Ameaça
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPA	Instituto Agrônomo de Pernambuco
JURA	Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MCP	Movimento Camponês Popular
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONG	Organização Não Governamental
VRC	Vivência Realidade Campo
PROEXT	Pró Reitoria de Extensão
RMR	Região Metropolitana do Recife
RU	Restaurante Universitário
RESX	Reserva Extrativista
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SBZ	Sociedade Brasileira de Zootecnia
SEADET	Seminário de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial

SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMEAM	Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UPE	Universidade de Pernambuco
VRC	Vivência Realidade Campo
VU	Vivência Universidade
ZOOTEC	Congresso Brasileiro de Zootecnia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	ORIGENS	13
1.2	EDUCAÇÃO	14
1.3	ESCOLHAS	18
2	DESENVOLVIMENTO	19
2.1	Início da abordagem formativa em Agroecologia	19
2.1.1	Primeiro Período	19
2.1.2	Segundo Período	22
2.1.3	Terceiro Período	24
2.1.4	Quarto Período	27
2.1.5	Quinto Período	29
2.1.6	Sexto Período	33
2.1.7	Sétimo Período	36
2.1.8	Oitavo Período	40
2.1.9	Outras atividades	42
2.2	Escolha da temática	42
3	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	45
	ANEXO	46

1 INTRODUÇÃO

1.1 ORIGENS

Olá! Sou Jaciane Pereira de Lima, recifense, neta de João Pereira de Lima e Maria Pereira de Lima, pais de meu pai, José Pereira de Lima; e de Natelino José da Silva e Luiza Ferreira da Silva, pais de minha mãe, Maria Augusta de Lima.

Meus pais conheceram-se em 1959, quando minha avó Luiza, de Panelas, já viúva e com 6 filhos, veio morar em Recife. Ela alugou um quarto na mesma rua em que minha família paterna morava (Rua Mogi, antigo Pilão sem boca). Um ano depois, meus pais começaram a namorar e se casaram em 1963. Esse local é bem próximo ao Sítio Azulão, que adotei como território.

Em 1965 nascia minha irmã mais velha, Jaciara; Jacirene em 1966 e Jacineide em 1968. Em 1969, meu pai comprou o terreno onde crescemos e vivemos até hoje. Nasci em 1973, no bairro de Tejipió, na extinta Maternidade São João da Escócia, assim como minhas irmãs. Em 1974 minha mãe sofreu um aborto espontâneo e em 1977, nasceu Juçara.

Minha família ainda contém agregados: Henrique Ramos (cunhado), Henrique Junior, Gustavo e Luísa (sobrinhos); Mauro Coelho (cunhado), Lucas e Clara (sobrinhos); tive um sobrinho chamado João Paulo Pereira de Castro, que faleceu aos 25 anos, em 2022.

Nossa casa é grande, tem um jardim incrível e um quintal imenso (para abrigar 5 crianças, tinha que ser), sempre cultivamos árvores frutíferas, ao longo dos anos: graviolas, mangueiras, goiabeiras, abacateiros, coqueiro, acerolas, pitangueira, jambeiro e jasmim e pau-brasil.

Uma das goiabeiras era minha confidente, sabia todos meus segredos de infância e adolescência, e meu pai resolveu colocar-lhe um balanço, o que a fez ser a árvore mais admirada da rua. Nessa época, a casa tinha cerca, então a visibilidade era nítida: as crianças queriam brincar no balanço e assim fiz amizades.

1.2 EDUCAÇÃO

Quando completei 5 anos, fui matriculada na Escola Esperança, próxima à minha casa. Recordo que por conversar demais, sempre ficava de castigo, de costas para os colegas, de pé, por meia hora, o temido “cheirar a parede”. Também levava como tarefas de casa exercícios com caligrafia, o que me ajudou bastante, minha letra é belíssima.

Um ano depois, fiz teste para ingressar no antigo primário, hoje ensino fundamental I, na Escola Edwiges de Sá Pereira, onde passei 10 anos. Até a quarta série, não tive problemas de aprendizado, mas a partir da quinta série, a metodologia do professor de matemática me deixava com medo, pois era extremamente grosseiro e assim, fui reprovada nas quinta e sexta séries. Percebo que isso me fez ter pavor de disciplinas de cálculos. Porém, na oitava série, apareceu um anjo em forma de professor chamado Ademar e pelo menos em 1988, eu me interessei por matemática e obtive ótimas notas.

Concluído o antigo primeiro grau (ensino fundamental II) participei de seleção para ingressar na Escola Senador Paulo Pessoa Guerra, que tinha um diferencial: o primeiro ano do curso era básico para todas as turmas, e a partir do segundo ano escolhemos entre Contabilidade, Saúde, Eletricidade e Administração de Empresas, que foi o que escolhi.

Eu tinha acabado de sair de uma escola murada, com seis salas de aula, um pátio coberto, uma quadra, uma cantina, ala administrativa, 2 banheiros femininos e 2 masculinos...ao chegar no Paulo Guerra, que tem quinze salas de aula, biblioteca, auditório, laboratórios de química, física, eletricidade, saúde, sala de arte, cantina, rádio, um pátio grande, uma quadra, 4 banheiros femininos e 4 masculinos, totalmente sem muros, pois faz fronteira com o Rio Tejió e com o 4º Batalhão de Comunicações do Exército, muitas árvores frutíferas...para uma adolescente de dezesseis anos, era o máximo!

Logo me tornei uma das alunas mais populares, conhecia quase todos os alunos do turno matutino...e quase não entrava na sala de aula. Resultado? Mais uma reprovação. Isso fez com que meus pais me deixassem de castigo: um ano sem saídas, somente para ir à escola.

Deu resultado: fui uma das melhores alunas com notas acima da média das turmas que fiz parte, rebelde e arengueira, mas que todos queriam por perto (claro, eu era a única que lia os livros didáticos e respondia os exercícios sobre eles).

Concluí o segundo grau, hoje ensino médio, em 1992, sem pretensão de ingressar no ensino superior, como era o desejo de meus pais; ele parou de estudar na sétima série para trabalhar e ela, para ajudar minha avó. Eles queriam que tivéssemos um futuro diferente.

Minhas irmãs mais velhas já estavam encaminhadas: Jaciara em Pedagogia na UNICAP, Jacirene e Jacineide em Sociologia na FAFIRE, todas deram entrada no Crédito Educativo, pagando uma parte enquanto estudavam (elas já trabalhavam) e o restante após a conclusão, funcionava mais ou menos como o FIES. Como eu não quis prestar vestibular, fui obrigada a fazer o curso de datilografia, na Fundação Bradesco.

Nessa época, Jacirene deu a luz ao seu primogênito Henrique Junior, e precisava de apoio para poder assistir às aulas. Comecei a ir para sua casa, e acabei morando com ela e sua família por dezesseis anos.

Nesse intervalo de tempo, cedi ao pedido do meu pai e prestei vestibular em 2000 para UFRPE, onde fui aprovada em Licenciatura Plena em História 2000.2 e fiquei no remanejamento da UPE, no curso de Administração de Empresas.

Acreditei que teria a mesma facilidade da época de escola, pois sempre tirei boas notas na disciplina de História: *“curso superior deveria vir com manual de instruções de como sobreviver a ele”*. No início foi tudo muito bom, aulas práticas, novas amizades, o campus gigantesco, o R.U. engatinhar, e o DCE funcionava!

Depois de me desentender com minha irmã, voltei a morar na casa dos meus pais e comecei um curso de informática de manhã, um curso de telefonista pela tarde e graduação à noite. Em 2001, nasceu minha primeira sobrinha Luísa, e eu voltei a morar com minha irmã em Piedade. comecei a perceber que não estava conseguindo conciliar meu tempo, saía da sala antes da aula terminar para não perder o famoso Candeias/Dois Irmãos; chegava em casa por volta das 23h30m, dormia mal, acordava cedo para ajudar as crianças irem para escola...naquele momento, senti que meus sobrinhos precisavam de mim, comecei a desanimar do curso e acabei desistindo de continuar.

Em 2005 dei entrada no processo de reintegração no curso de História e ao mesmo tempo comecei a trabalhar com *call center*, na empresa *Contax*; trabalhava seis horas por dia e estudava à noite, voltei como aluna acompanhada, não podia mais reprovar.

O caos na minha mente começou depois que fiquei na final de uma disciplina, fiz a prova com mais 4 colegas e o professor substituto corrigiu-a na hora que entreguei e disse: “melhor procurar outra área para atuar, se conseguir formar-se aqui, pois você é uma aluna medíocre e será uma profissional muito medíocre.”

Aquela frase ficou ecoando na minha mente, perdi totalmente o interesse e resolvi trocar de curso, fazendo vestibular de novo e sendo aprovada na UFPE, no curso Bacharelado em Secretariado Executivo, 2ª entrada 2008.2.

Continuei trabalhando, as aulas começaram e comecei a perceber que não fiz uma boa escolha. Desisti do curso, pedi demissão e fui com a cara e a coragem para Curitiba, Paraná.

Não tenho boas lembranças dessa viagem, pois meu pai faleceu um dia após eu embarcar. Comecei a ter sonhos com ele, me pedindo para voltar para casa. Retornei após 2 meses, tendo que voltar para casa onde fui criada, pois meu cunhado Henrique havia sido transferido para Lima, Peru. Minha irmã foi logo em seguida, com meus três sobrinhos.

Com o passar do tempo, fui ficando depressiva, não queria sair de casa, não saía para procurar emprego, nem estudava; mal saía do quarto, comecei a comer compulsivamente, engordei 15 quilos. Um ano após a morte do meu pai, uma amiga perguntou se eu não queria ficar no lugar de uma funcionária de uma loja na Casa da Cultura. Seriam apenas 30 dias. Acabei ficando um ano e aprendendo muito sobre arte, artesanato e...história.

A arte me salvou; eu perdi 13 quilos, voltei a ter autoestima, aprendi novas técnicas de pintura, fiz novos amigos, mas faltava algo que eu havia prometido a meu pai e a mim: o diploma de curso superior.

E mais uma vez, voltei a estudar em casa para tentar passar no Enem, o que aconteceu, no antigo curso Economia Doméstica, na UFRPE, porém eu fiquei dividida: como iria trabalhar, se o curso era matutino/vespertino? Continuei a trabalhar sem ao menos cogitar levar as documentações para validar a matrícula.

No ano seguinte, eu saí da loja pois segundo o dono, ele iria vendê-la. O ano era 2012 e mais uma vez, tentei o Enem, tendo como foco Turismo, no IFPE e como 2ª opção, o curso Bacharelado em Zootecnia, no qual fui convocada após ficar na fila de remanejamento. Lembro que entrei na quinta chamada.

Comecei o curso bastante animada, pois sempre gostei de animais, mas não sabia de fato do que se tratava. Procurei por estágio remunerado, mas os editais já estavam concluídos, e fui ser voluntária no setor mais fofo da Zootecnia: Caprinos e Ovinos. Fiquei tão empolgada que quase não assistia às aulas e isso me fez reprovar algumas disciplinas.

Durante minha permanência no curso, participei de diversos eventos e ações, como Exposição de animais e produtos derivados, Semana de Zootecnia, Agrinordeste, Zootec, SBZ, etc.

Passei quase um ano como voluntária, participando do projeto “Criação de ruminantes, educação e cidadania na zona rural da Região Metropolitana do Recife”, no período de janeiro a dezembro de 2013, e que tinha práticas em alguns assentamentos da RMR, sob a coordenação da zootecnista Maria Presciliana de Brito.

No ano de 2014, consegui participar como bolsista no projeto “Ações técnicas-educativas para conscientização da importância do manejo reprodutivo em pequenos ruminantes criados nos assentamentos da Região Metropolitana do Recife”, desenvolvido no Assentamento Concórdia e Santa Cruz, e na Associação do mesmo local, em São Lourenço da Mata, entre janeiro e dezembro, sob a orientação de Maria Presciliana de Brito.

Em 2015, comecei a participar de outro projeto: “Divulgação e aplicação das boas práticas agropecuárias em assentamentos do Incra.” Nesse mesmo ano, percebendo que não estava satisfeita com meu desempenho como aluna na Zootecnia, me matriculei no curso Técnico em Agropecuária, pelo CODAI, em São Lourenço da Mata.

Como previsto, fui mais uma vez reprovada na Zootecnia e passei a me dedicar ao curso técnico, que passou a funcionar em Tiúma e que concluí em 2017, após concluir o ESO em Caprinovinocultura no Setor de Caprinos e Ovinos do Departamento de Zootecnia.

1.3 ESCOLHAS

Nesse mesmo ano, comecei a trabalhar em uma empresa de *call center*, em dezembro, para poder adquirir minha carteira de habilitação, pois perdi oportunidades de emprego por não ser habilitada.

Nesse mesmo mês, após uma bateria de exames, meu sobrinho João Paulo foi diagnosticado com câncer na próstata, mesmo tendo apenas 21 anos. Com o resultado dos exames, nossa família passou a ter uma dinâmica mais voltada a auxiliá-lo, e eu pedi demissão para dar esse suporte em casa.

Foi uma batalha de 4 anos. Durante esse tempo, ainda tentei um curso à distância Técnico em Segurança no Trabalho, pela Secretaria de Educação do Governo Estadual, e isso o fez inscrever-se no Técnico em Administração de Empresas, assim como minha irmã, para incentivá-lo. Infelizmente, veio a pandemia do Covid 19 e os cursos foram suspensos.

Durante a pandemia, passei a me interessar por bordados, assisti vídeos e comecei a comprar os materiais pela internet. A princípio, fazia apenas exercícios, ou seja, criava os desenhos e bordava-os para praticar. Tive a ideia de criar um perfil no Instagram para divulgar esses trabalhos, e começaram a aparecer pedidos de compras.

Também nessa época, comecei a fazer terapia, de forma remota, que me ajudou bastante com os processos emocionais pelos quais a família estava passando.

Em 2021, comecei a pensar em voltar a estudar na graduação e fiz mais uma prova do Enem. Quando me inscrevi no Sisu, no ano seguinte, coloquei as opções para o curso de Administração de Empresas, na UFRPE, ficando na lista de espera. Em maio, vi no site que havia um edital aberto para o curso Bacharelado em Agroecologia e decidi arriscar me inscrever.

Comentei com João Paulo e ele disse: “- Está na hora de você cuidar de sua vida.”. Senti uma pontada no coração porque naquele momento, eu percebi que ele estava despedindo-se...

Em junho, recebi um *e-mail* da coordenação do curso confirmando que eu havia sido selecionada e que precisava confirmar a matrícula, o que fiz rapidamente.

Conversei com minha família, expliquei como seria a logística para poder continuar dando apoio em relação ao meu sobrinho, mas ele apenas repetiu o que me falou antes e piscou um olho.

Então, na primeira semana de julho, ele teve uma queda na imunidade que o levou ao hospital. Ele despediu-se de todas nós (de mim, minha mãe e minha irmã) e disse: “- É a última vez que nos falamos. É a última vez que olho para essa casa”, e chorou. Todos nós choramos. E após inúmeras sessões de quimioterapia, radioterapia e duas cirurgias, João infelizmente partiu. Descansou em 08 de julho de 2022, aos 25 anos.

Mesmo com muita tristeza no coração, segui no dia 11 de julho de 2022 para minha querida UFRPE, onde fui recebida com uma flor e acolhida pelos novos colegas de curso.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 INÍCIO DA ABORDAGEM FORMATIVA EM AGROECOLOGIA

2.1.1 Primeiro Período

A turma 2021.2 era grande, com 31 pessoas. Na primeira semana de aula, já tivemos as primeiras desistências. Houve também um momento de apresentação, que foi bastante emocionante, pois como temos vivências diferentes e não nos conhecíamos, foi um momento marcante. Recordo que algumas pessoas choraram, outras ficaram neutras, outras extrapolaram o tempo de fala, o que aconteceu até o último período.

No meu momento, e fui a última a me apresentar, quando citei meu pai e João Paulo, não consegui segurar as lágrimas, estava muito recente essa perda. Professor José Nunes foi bastante acolhedor, me dando um abraço até que eu me acalmasse, e a companheira Nzinga me trouxe um copo d'água. Consegui concluir a fala e demos andamento aos processos educativos.

Tudo para mim era novidade, principalmente depois de 3 cursos superiores tradicionais e alguns anos afastada das salas de aula. A formação das cadeiras em círculo, em sala de aula, permite com que possamos ver melhor as outras pessoas;

temos temáticas e não disciplinas; temos Vivências Realidade Campo, ou VRCs (na prática da pedagogia da alternância, que é uma metodologia educacional, criada na França nos anos 1930, que alterna tempos de aprendizado na escola (Tempo-Escola) e no ambiente de trabalho/familiar (Tempo-Comunidade), focada na educação do campo, visa integrar teoria e prática, combatendo o êxodo rural e valorizando o saber camponês), que é o nosso espaço de vida ou trabalho; temos Vivência Universidade, com as aulas em sala, no bosque ou nas imersões (visitas a campo, com os professores e guardiões do semestre, para a vivência da realidade vista em sala de aula), e temos grupos de autogestão, que funcionam entre os alunos em divisões por grupos de territórios, que foram propostos pela professora Joana Lessa, que também era coordenadora do curso. Recordo que no primeiro relatório, com o tema “Conhecer o Etnoagroecossistema” tivemos que desenhar um mapa da região que vivemos, no meu caso foi a RMR, e identificar nele, com ícones e legendas os movimentos sociais, educação popular, ecossistemas, campesinato; descrever os esforços de localizar ou de enxergar as relações entre as temáticas e uma atividade prática de solos e paisagens, que era construir com papel, uma estrutura tridimensional (poliedros) que representavam as estruturas mineralógicas da argila, com dimensões e proporções pré-estabelecidas nas orientações. Também tivemos leituras de textos que estavam disponibilizadas no *Classroom*, que era o sistema utilizado para entregas de informações e atividades. Em outro momento, tivemos nossa imersão, que foi uma viagem à Mata Sul.

Dentre eles, estava a leitura da atividade “*Carta sobre a fome*”, que seria destinada a um/uma colega e também levar um elemento ou símbolo que representasse minha motivação para fazer o curso. Escolhi o caderno para representar os estudos e para receber a minha carta, a colega Yasmin. Tivemos as seguintes temáticas: Fundamentos da Agroecologia, Educação Popular, Campesinato, Movimentos Sociais e Questão Agrária, Ecossistemas, Visão Sistêmica da Vida e Solos e Paisagens.

A “Carta sobre a fome” é um texto que cada aluno/a escreveu, relacionando sua realidade com os temas da Fome, Reforma Agrária e Agroecologia.

Deveríamos sair na terça-feira, dia 09 de agosto, porém o ônibus teve um problema técnico e não foi liberado. Dormimos no espaço reservado para alunos que vinham de outras cidades, na Cidade Universitária, para então, viajarmos pela manhã, seguindo para o Assentamento Ximenes, em Barreiros o que não aconteceu, pois o ônibus atolou numa localidade chamada Tibirim, e ficamos parados bastante tempo, tentando retirá-lo da lama.

Após inúmeras tentativas, conseguimos a ajuda de um morador da área, que levou um trator para puxar o ônibus. Trocamos de ônibus e seguimos para o outro local a ser visitado, o Assentamento Jundiá de Cima, especificamente na propriedade de Dona Beth, o que só aconteceu após descermos do ônibus, que também atolou. Seguimos a pé até a propriedade e tivemos o almoço e uma roda de conversa durante a tarde com D. Beth.

Em seguida seguimos para o CEPENE-ICMBIO, onde ficamos hospedados, tomamos banho, jantamos e assistimos uma palestra sobre a RESEX Rio Formoso. Seguimos nosso roteiro e fomos até a Colônia de Pescadores Tamandaré, onde fomos recepcionados por Meluz, que nos guiou pelo espaço e nos deu uma aula de ecologia; após chegarmos no CEPENE-ICMBio, jantamos e fomos sistematizar as informações coletadas, apresentá-las e em seguida, tivemos o momento cultural, onde fizeram um luau à beira-mar. No último dia de compromisso, fomos até a praia de Tamandaré para desfrutar um pouco da beleza natural do local pela manhã, e depois seguimos para Rio Formoso, onde conhecemos a Comunidade Quilombola Engenho Siqueira, sendo acolhidos por Moacir. Após o almoço, retornamos para Recife, e no sábado (13/08/22), com os professores Gilvânia Oliveira e José Nunes, fizemos uma síntese em grupo da imersão.

Em 06/10/22, realizamos nossa primeira culminância, o grupo Recife fez uma encenação sobre um julgamento, onde fui a juíza, e os demais colegas foram advogados de defesa e acusação, testemunhas, funcionários do Fórum e o acusado, o ex-presidente, agora inelegível Jair Bolsonaro. Estávamos um pouco nervosos, não sabíamos se era a forma certa de apresentação, mas hoje sei que não existem formas certas ou erradas. Apenas temos que seguir nossos instintos e agir. Fui aprovada com média 7,9.

Paralelamente, comecei a participar como bolsista de incentivo acadêmico (BIA), na Pró-reitoria de Extensão da UFRPE, com o projeto Desenvolvimento de

Capacidades para Empoderamento e Autonomia Feminina, no mês de outubro. Tivemos uma oficina de bolos pernambucanos, realizada no Departamento de Gastronomia, sob a supervisão de Maria Presciliana de Brito. Gratidão ao coletivo docente: Ângelo Alves, Gilvânia Vasconcelos, José Nunes, Julia Figueredo, Luís Mattos, Weruska Costa.

2.1.2 Segundo Período

Seguimos para o segundo período, animados com a próxima imersão, que foi na Mata Norte e as idéias sobre a culminância já estava fervendo para serem postas em prática.

Sob o Eixo “Conhecer as relações entre Agroecologia, Campesinato e Educação Popular” através do etnoagroecossistema, o coletivo docente foi composto por Maria Virgínia, Ângelo Chaves, Aristeu Portela Júnior, Ywanoska Maria, Marcos Figueiredo (infelizmente sofreu um acidente e entrou em licença médica) e Dilma Brito, ou Dilma Trovão, como convidada. As temáticas foram: Natureza em Movimento, Racionalidades Camponesas, Solos, Meio Ambiente-Sustentabilidade-Subjetividade, Educação para as Relações Étnicos-Raciais, Educação em Agroecologia. Recebemos, como no primeiro período, orientações sobre os grupos de autogestão, pois a cada semestre, as equipes mudariam os temas. Esse foi um semestre bem difícil para mim. Me questionei diversas vezes se deveria continuar no curso, se estava no caminho certo. Não estava conseguindo me conectar com a temática Natureza em Movimento, talvez porque estivesse afastada da espiritualidade. E Subjetividade também me deixou confusa, cheguei a fazer prova final, porque não me sentia à vontade. Mas foi enriquecedor ver a resistência dos agricultores que visitamos diante da monocultura da cana-de-açúcar, as relações com a terra, as manifestações da cultura; o machismo que ainda domina o meio rural, mas também o feminismo que torna as mulheres donas de sua história; o conhecimento de cada pessoa a partir da subjetividade e a desvalorização da educação do campo, pelos governantes.

Achei bem interessante o texto “Diversidade da Vida”, onde Edward O. Wilson (1992) sobre Krakatau, ou Krakatoa, uma ilha que desapareceu em 1883 após erupções vulcânicas e causando tsunamis que devastaram as praias de Java e

Sumatra, matando 40 mil pessoas. O texto segue contando como a natureza fez a sua parte na regeneração do local, com o passar do tempo, e a quantidade de espécies encontradas (72, entre aranhas, grilos, lacrainhas, piolhos-da-casca, mariposas, moscas, besouros, vespas, etc.) cerca de 100 anos depois das erupções, e sem a intervenção humana. Um outro texto utilizado em sala, Sílvia Lane (2002), me fez entender (na prova final) que a subjetividade desempenha um papel importante na área agroecológica, pois o modo como as pessoas veem e relacionam-se com o mundo ao seu redor pode influenciar suas práticas e decisões; quando agricultores adotam práticas agroecológicas, podem estar sendo motivados por valores pessoais, crenças, resistência pela terra e sua permanência nela, juntamente com a preocupação com saúde, bem-estar da comunidade, preservação do meio-ambiente.

Tudo isso pode ser influenciado pela história, cultura, religião e experiência de cada um. No mês de novembro, o estágio me fez vivenciar o projeto Plante amor, onde utilizamos quengas de coco para plantar mudas de flores onze horas e distribuir para os visitantes e participantes de eventos da PROEXT.

Também comecei a participar do projeto piloto da Horta Urbana e Periurbana, de Guilherme José de Vasconcelos Soares, que atuava como Técnico Administrativo no mesmo local. Auxiliá-lo foi um dos melhores momentos do estágio, pois ele tem uma grande experiência como engenheiro agrônomo e uma paciência infinita. A experiência seguiu até o mês de abril/2023. Nossa imersão, em fevereiro/2023, foi bem movimentada, começou no dia 09/02/2023, com destino a Tracunhaém, no Sítio Ágatha, onde passamos o dia conversando sobre a história da luta pela terra das mulheres da família Cavalcanti, e sua *Afroecologia*. Ficamos hospedados no Centro de Treinamento de Carpina CETREINO. No segundo dia seguimos para Moreno, na ocupação do Engenho Una, coordenada pela CPT, onde passamos boa parte do dia, almoçamos e fomos em seguida para a propriedade de D. Maria da Dores, que nasceu indígena e foi arrancada de sua família pelo dono do engenho, mas que mesmo com uma vida sofrida, fez da alegria um motivo para viver e estender isso para a terra, gosta de plantar frutíferas, para que as pessoas tenham alimentos quando estiverem com fome, e reconhece que faz parte da natureza e vice-versa. Em parceria com a CPT, fez a transição agroecológica.

No terceiro dia, foi a vez da cultura popular ser exaltada, na cidade de Condado, comunidade de Chã do Esconso, com Cavalo Marinho Boi Pintado, da Escola e Museu Tradição, de Mestre Grimário, e o Maracatu Onça Dourada. Tivemos apresentações culturais de ambos os locais, e rodas de conversa sobre as histórias e apresentações dos participantes. No quarto dia, fizemos uma visita ao Refúgio Vida Silvestre Matas de Água Azul, com a colaboração da Associação dos Pequenos produtores Rurais do Engenho Xixá, na cidade de Timbaúba, onde foi falado sobre os conflitos de terra, sobre o local ser unidade de conservação, a prática da meliponicultura; almoçamos na casa de D. Zezita e continuamos a “rodada de conversa” sobre o local. No quinto dia, seguimos para a Associação dos Produtores Agroecológicos e Moradores das Comunidades de Imbé, Marrecos e Sítios Vizinhos-ASSIM, em Lagoa de Itaenga. Passamos a manhã na propriedade de Sr. Arnaldo, D. Maria e Rubenice, que nos mostrou que a agroecologia se faz presente em tudo naquele lugar. Fizemos uma visita à Escola Rural de Lagoa de Itaenga, que na época, tinha uma turma multisseriada, com alunos do Jardim I ao 4º e apenas uma professora; estavam participando de um projeto cultural chamado Entrando em Cena, que fortalece os Mestres emboladores de coco e violistas.

Após o almoço, fomos conhecer a sede da ASSIM, onde conversamos sobre economia solidária, e como é realizada a administração do local. Voltamos para Recife, e fizemos a sistematização da imersão, e apresentação dela. Essa imersão foi tão potente que o grupo Recife resolveu transformá-la em nossa culminância. Modificamos alguns nomes, criamos falas, ensaiamos durante 1 semana, organizamos figurinos, cenários e fizemos sucesso! Inclusive, essa estória transformou-se em livros: “Contos Agroecológicos: As Aventuras de Catita na Mata Norte” e “Tatu e a Natureza em Movimento”.

Ainda fizemos avaliação do semestre, com os Professores Aristeu e Maria Virgínia. Mesmo com todo esse esforço, tive que fazer prova final, onde tirei 7,0 e consegui seguir com a turma. No estágio da PROEXT, participei da semana do Dia da Terra, comemorada no mês de abril, onde fui monitora em várias atividades, como Feirinha Solidária, Dia da Macaxeira, Roda de conversa sobre hortas urbanas em Recife e RMR, dentre outras.

2.1.3 Terceiro Período

Com o eixo “Planejamento no Etnoagroecossistema”, e com as temáticas Planejamento Participativo, Agrobiodiversidade, Manejo Animal, Processos Grupais e Extensão Rural e com os guardiões Ana Paula Neves, Felipe Jalfim, Maria Virgínia, Ywanoska Maria, Joana Lessa e Oskar Mosquera, tive que escolher um território para chamar de meu. Mas antes de fazer qualquer escolha, tive a desagradável surpresa de ser desvinculada do curso, porque estava na fila de remanejamento em Administração de Empresas (eu havia colocado as duas opções quando me inscrevi no SISU, em 2022.).

O DRCA enviou mensagem via aplicativo de mensagem, mas como eu não respondi, eles entenderam que eu estava aceitando ser matriculada. Eu estava participando da JURA, e comecei a receber e-mails de professores que nunca vi antes, enviando materiais de Administração. Corri até a coordenação e falei com Daniela Santos, a secretária, que foi um anjo neste dia. Entrou em contato com o DRCA e resolveu em questão de minutos. Preenchi um requerimento em 05/06/2023, afirmando que estava desistindo de Administração de Empresas por já estar cursando Bacharelado em Agroecologia. Fiquei me perguntando como essa falha no sistema aconteceu? Pois eu tenho número de matrícula, tenho e-mail institucional, como não foi visto isso? Bom, o importante é que deu tudo certo, graças à Daniela Santos.

Na semana da X JURA, tivemos algumas atividades, como manejo de abelhas Uruçu, oficina de Redesenho de Espaços Agroecológicos, viagem para Barro Branco, e rodas de conversas. Continuando sobre o etnoagrossistema, entre os que foram disponibilizados pela professora Virgínia, escolhi um espaço em Sítio dos Pintos, no Córrego da Fortuna. A residência da família do Sr. Elias Macena e outro terreno onde ele criava suínos tornou-se objeto de pesquisas nos processos participativos, extensão rural não só para mim, mas também para a colega de turma Célia Ferro. Fizemos as perguntas dos questionários e também os mapas para entendermos melhor as logísticas da família e fomos duas vezes até os locais. Ainda no mês de junho, participei como monitora na abertura do XX CONEX.

Em julho, estava a caminho da imersão, no Sertão, e chegamos a Bonito, no dia para visitar a propriedade agroecológica Sítio Creuza e Paulo Fulô, do colega Cláudio Moura, que é técnico agropecuário formado pelo CODAI, apicultor, agricultor

familiar, junto com a esposa, Fábila. Fomos também a um povoado chamado Terra Vermelha. No dia seguinte, seguimos para Flores, no sítio agroecológico de D. Gerlane, que tem assistência técnica; após essa visita, seguimos para Triunfo, pois no dia seguinte, fomos para o Sítio Enjeitado, do Sr. Antônio Queiroga, que fez o reflorestamento da propriedade com plantas nativas do Sertão, com uma mata fechada e bem protegida; tem também um caminho de árvores de Umburana, plantadas por Sr. Antônio e que forma um portal fantástico! Uma parte da propriedade é banhada pelo Rio Pajeú, nesse trecho quase um córrego, de tão raso. Seguimos viagem no dia seguinte e chegamos em Afogados da Ingazeira, na propriedade de Lucineide Cordeiro, que tem assistência técnica da Diaconia, produz consórcio de algodão com milho, feijão de corda, gergelim; tem criação de animais (Nelore, Tabapuã e mestiças de holandesa), produz silagem, tem sistema biodigestor, e atualmente é vereadora da mesma cidade.

Depois de almoçarmos, fomos até a Feira Agropecuária, evento que fomenta geração de renda para diversos setores, tendo inclusive shows. Voltamos para Recife no dia seguinte. Nos processos grupais, tivemos alguns textos e exercícios para termos ideia de como poderíamos realizar abordagens com agricultores familiares. Tivemos uma aula prática com o professor Felipe no Departamento de Zootecnia, onde pudemos acessar os setores de Equinos, Bubalinos, Suínos, Aves, Ovinos e Caprinos.

Em uma outra V.U., ele levou alguns tipos de ovos para tentarmos descobrir se eram de galinhas de granja, ou caipiras. Conversou também sobre os porcos da Índia, que a família de Monaiane cria no Ceará. Tivemos ainda sete aulas remotas, para completar a carga horária do curso; Nos dias 24 e 31/07/2023 e 07/08/2023, participei com os professores Valdson Silva (Zootecnia) e Rosimar Santos (Agronomia) de uma pesquisa participativa solicitada pela Secretaria de Agricultura, Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico, para um diagnóstico dos principais problemas enfrentados pelos agricultores familiares, com relação ao plantio de abacaxi, limão e acerola, fazendo a escuta, sistematização e posteriormente, ampliar discussões com assistências técnicas, instituições de ensino, pesquisa, poder público para encaminhar propostas de soluções.

Participamos, no final, do “Seminário sobre a cultura do abacaxi e outras frutíferas no Município de Pombos: oportunidades e desafios”. Participaram, além da

UFRPE, representantes do SEBRAE, CMDRS, Associações das Comunidades Rurais de Pombos e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pombos. A proposta metodológica do Seminário, execução, sistematização e produção do relatório final foi do engenheiro agrônomo Guilherme José de Vasconcelos Soares.

Aprender mais em como utilizar a favor do agricultor familiar a tecnologia e poder juntá-la à extensão rural foi bem interessante, professor Oscar nos permitiu utilizar um questionário de fácil entendimento (ao menos na família que eu estava trabalhando).

Ainda consegui criar junto com a família Macena os mapas dos locais e de como eles queriam para o futuro (melhorias). Ao final, nossa culminância foi praticamente um musical, pois utilizamos músicas e teatro para expressar o que aprendemos. Mesmo com algumas inquietações, passei para o quarto período com média 7,6.

2.1.4 Quarto Período

O quarto período começou com o coletivo docente formado por Felipe Jalfim, Horasa Andrade, Joana Lessa, Ana Paula Neves, Gilvânia Vasconcelos, Maria Zênia e Raquel Aragão, como convidada. O eixo foi: “Planejamento e ação no etnoagroecossistemas”; as temáticas foram: Agrossistemas vegetal e animal, Expressões culturais no campesinato, Alimentação e sociedade, Feminismos, Redesenho dos etnoagroecossistemas, Educação do campo e Movimentos sociais, e nossa imersão no “X Seminário Nacional da Agrobiodiversidade e Sementes Crioulas”, em Recife, realizado na UFPE, entre os dias 02 a 05 de outubro de 2023, e que foi coordenado pelo MCP.

Todos os períodos letivos participaram, inclusive fui assistente em uma oficina de bordado, encabeçada pela professora Virgínia Aguiar. Um dos exercícios propostos no período foi o texto “O Extensionista”, onde cada aluno escreveu um final para os personagens. Foram escolhidos dois textos: o de Diogo e o de Micael; nos dividimos em dois grupos, e em 30 minutos, ensaiamos e nos apresentamos. Achei uma dinâmica interessante, pois mostrou o potencial dos dois colegas com a escrita. No período de 17 a 25 de novembro de 2023, embarquei com um grupo da

UFRPE, de diversos cursos, para o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia, no Rio de Janeiro.

Com os companheiros do grupo Recife, Pedro Henrique, Célia Ferro e Alessandra Marta, apresentamos “As Aventuras de Catita na Mata Norte”, que passou de um compilado do aprendizado no 2º período, e virou um trabalho sobre educação, com desenhos de minha autoria. Foi uma experiência transformadora e inesquecível. Ao voltar para Recife, fui convocada pela coordenação para participar como monitora, nos dias 29 e 30 de novembro de 2023, no stand da Agroecologia na “Feira de Profissões da UFRPE, 2023”. Tive a oportunidade de explicar para alunos do Ensino Médio as particularidades do curso: forma de entrada, temáticas, alternância, as práticas agroecológicas etc.

Fiquei o semestre sem território e isso me impossibilitou de exercitar o Redesenho de agroecossistemas. Ao final do período, aprendi sobre a importância das práticas agroecológicas, que visam promover a diversidade e a integração entre espécies, buscando um equilíbrio que promova a sustentabilidade do sistema e a forma como a agroecologia valoriza o papel dos animais na fertilização do solo e no controle natural de pragas, contribuindo para a saúde e produtividade das plantas; ao estudar o redesenho dos etnoagroecossistemas, percebi a importância de valorizar o conhecimento tradicional e a cultura das comunidades locais.

A agroecologia propõe um resgate das práticas ancestrais, buscando adaptá-las às novas realidades e desafios; essa abordagem pode fortalecer a segurança alimentar e a autonomia das comunidades rurais, além de respeitar e preservar a biodiversidade e os recursos naturais. Ao me aprofundar na trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil, compreendi que a luta por uma educação contextualizada e voltada para a realidade do campo é essencial para a valorização e empoderamento da população rural. Aprender sobre as conquistas e desafios enfrentados ao longo dos anos, e a importância de políticas públicas que garantam o acesso à educação de qualidade para todos os estudantes do campo foi inspirador, pelo protagonismo dos movimentos sociais na busca por uma educação que promova a cidadania e a transformação social.

Durante o estudo sobre banco de sementes, fui notando a relevância da preservação e diversidade genética das espécies agrícolas, os bancos de sementes são estratégias importantes para garantir a disponibilidade de variedades crioulas e

tradicionais, que são adaptadas às condições locais e possuem características específicas muito importante a promoção da troca de sementes entre agricultores, incentivando a conservação da biodiversidade e fortalecendo a segurança alimentar. No que se refere à nutrição animal, destaco a importância de uma alimentação adequada e balanceada para o bem-estar e desempenho dos animais.

É indiscutível oferecer aos animais uma dieta diversificada e de qualidade, considerando as necessidades nutricionais de cada espécie. A agroecologia está sempre propondo alternativas de alimentação animal baseadas em recursos locais e na redução do uso de insumos externos, buscando uma produção mais sustentável e saudável para os animais e consumidores. Antes da conclusão do semestre, junto com a professora Gilvânia Vasconcelos e as colegas Célia Ferro e Alessandra Marta, fui para o “III Seminário Estadual da Educação do Campo”, na cidade de Gravatá, entre os dias 13 a 15 de dezembro, onde houve debates com entidades, movimentos sociais, professores, com a finalidade de propor melhorias de ensino na Educação no campo. Na culminância, todos do grupo Recife usaram a camisa verde do Seminário de Sementes, e lemos os textos sentados no chão da ADUFERPE. Com a média 7.3, segui rumo ao quinto período.

2.1.5 Quinto Período

Com o eixo “Atuação no Etnoagrossistema” e as temáticas Economia Solidária, Direitos Humanos, Soberania Alimentar, e Conservação de alimentos, Manejo de Agroecossistemas Florestais (SAF), Melhoramento Genético Participativo de animais e plantas, e Extensão Rural, os guardiões José Nunes , Rebeca Oliveira, Ana Claudia de Lima Silva, Marcos Figueiredo, Zênia Tavares e Deisevângela Lima , o quinto período começou com algumas novidades: não usamos mais o *Classroom*, e sim o sistema Sigaa da UFRPE; tínhamos que registrar nossas atividades em um diário de bordo, com carga horária de 25h, e que funcionou divinamente; e cada grupo território teria acompanhamento de guardiões, ficando o Recife com Nunes, Rebeca e Deysevângela. E a Semana de Vivência Universidade começou com o professor Marcos nos incentivando a nos conectar com a natureza, nos levando a uma trilha ecológica na mata, próximo ao Departamento de Agronomia.

Fechando os olhos, pedindo permissão aos protetores das matas, sentindo a energia, os sons, o vento...

Esse processo ficou marcado em mim, pois tenho a linhagem de caboclos na Umbanda, e como estava afastada desses processos, a espiritualidade começou a aproximar-se, silenciosamente. Ao voltarmos à sala de aula, fizemos a sistematização da trilha, com indicadores, agente da natureza, e os detalhes/diferenças entre as agriculturas tradicional e agroflorestal. Tivemos uma entrevista com o Sr. Benedito Miranda Junior, agricultor que estava em contato com o colega Micael, em Garanhuns, para que pudesse ter melhorias no Sítio Mochila, mesmo assistido pelo IPA, ainda estava em busca de práticas agroecológicas. Foi muito importante esse momento, pois precisamos saber exatamente o que o agricultor busca/precisa.

Na entrevista, descobrimos que ele já tinha algumas espécies frutíferas, como manga, abacate, acerola, maracujá, macaxeira, feijão guandú; utilizava estrume de vaca e de galinha; que queria proteger a nascente e o poço com um SAF, em uma área de 12m x 12m; já possuía instrumentos, como pás, enxada, cavador, piquetes, carro de mão, barbantes. Para que fosse possível a implantação do SAF, o prof. Marcos explicou que precisava verificar as seguintes condições: biológicas do local; sociais (família, cultura, força de trabalho); qual objetivo da área agroflorestal (tipo); como seria o consórcio, um desenho preliminar.

Após a reunião remota, tivemos uma reunião presencial, onde fizemos a análise da conversa, e a partir do que Sr. Miranda especificou, fizemos o mapa para um sistema de alta diversidade, com abacaxi, ingá, seriguela, cajá, capim-elefante, mucuna, margaridão, milho, ipê e jatobá. Essa implantação se deu em nossa imersão ao Agreste. Antes disso, o professor colocou como exercício para o grupo Recife: fazer uma trilha onde teríamos que fazer uma ação socioecológica: explorar as sensações nas pessoas, a potência do local; irmos a uma área de agricultura convencional e em uma área de manejo agroflorestal.

Professor José Nunes nos explicou como funcionam os processos de economia solidária, e pela segunda vez, apresentamos a pesquisa sobre o tema em forma de seminário, o que me deixa bastante nervosa: não gosto de falar em público.

Na nossa imersão ao Agreste, de 08 a 11 de abril de 2024, partimos de Recife para Garanhuns, onde almoçamos no Recanto Franciscano; pela tarde, fizemos a territorialização junto aos parceiros e sujeitos locais. Conhecemos o trabalho desenvolvido pela igreja e por Frei Juvenal na comunidade, junto aos direitos humanos e a luta pela terra. Também tivemos diálogos com os agricultores do Sítio Cruz, na Associação Nova Vida/Banco Comunitário de Sementes do Sítio Cruz.

À noite fizemos sínteses parciais. No segundo dia, a vivência na Comunidade Quilombola do Castainho, na propriedade de Juscelino. Houve roda de conversa sobre Beneficiamento com as professoras Daisyvângela Lima e Zênia Tavares durante uma atividade prática de beneficiamento da mandioca com mulheres da Associação Guerreiras Quilombolas/Castainho.

Pela tarde, fomos fazer o planejamento do SAF, em visita a localidade que será realizada atividade prática, na propriedade do Sr. Miranda, o Sítio Mochila. À noite, houve preparação com discentes e parceiros para a atividade da implantação, com a formação de grupos de trabalho, onde Professor Marcos Figueiredo fez a divisão. Saímos do centro de Garanhuns para o Sítio Mochila às 04h:30m, para aproveitarmos mais o tempo sem o excesso de sol.

Durante a implantação, que terminou por volta das 11h, o professor Marcos Figueiredo nos orientou sobre podas e manejo da área já implantada no local. Nos despedimos de Sr. Miranda, e seguimos para o almoço no Recanto Franciscano. Logo após almoçarmos, partimos para Pesqueira (Hotel Estação Cruzeiro).

No território indígena Xukuru, fomos recebidos na Casa das Sementes Mãe Zenilda, onde tivemos roda de conversa, fomos conhecer os espaços, plantações e almoçamos.

Também fomos no Etnoagroecossistema de Ryan Valença, em Pedra Comprida/Sanharó. Retornamos para Recife no final da tarde. Em 29 de abril de 2024, os professores entraram em greve por melhores condições de salários e trabalho, e assim seguimos até dia 01 de julho de 2024, quando formalizaram o fim da greve.

Na semana de V.U. a orientação da UFRPE era de revisar os assuntos que estavam sendo aplicados antes da greve, e assim foi feito. Voltamos com a temática Extensão Rural, onde vimos a linha do tempo, as metodologias, falamos sobre ATER, Jorge Tavares, Francisco Caporal... também tivemos aprendizados de

Direitos Humanos com um representante do povo cigano Romani; aulas de campo na Zootecnia; duas aulas práticas de Conservação de alimentos, no laboratório de Ciências do Consumo; implantamos mais um SAF, dessa vez, no bairro de Jardim São Paulo, no Sítio Azulão, com o grupo: Célia, Diogo, João Durval e eu.

Utilizamos uma área de 6m x 4m, onde utilizamos mamão, maracujá, abacaxi, banana, macaxeira, manjerição (3 tipos), hortelã, boldo, capim santo e colônia. Após a implantação, com mais um exercício prático, voltamos ao Sítio para fazermos um Calendário Agroecológico, onde recebemos também Pedro Henrique e Luana. Aproveitamos e fizemos os exercícios propostos de Extensão rural, que seria utilizar tecnologia para divulgarmos o espaço (fizemos um vídeo sobre o SAF e um folder), e melhoramento genético, onde escolhemos uma cultura alimentar para fazer a ficha técnica.

Economia solidária a proposta foi criar grupos e dividir a pesquisa sobre Redes de Comercialização: Célia (feiras agroecológicas), Jaciane (cooperativas), Luana (bazar solidário), Hildenize (canais governamentais) e Pedro Henrique (Rede Semeam). Outra pesquisa sobre economia solidária foi escrever uma carta para um companheiro do curso, e eu escolhi Monaiane, para explicar sobre a moeda Gostoso, que foi criada por um banco comunitário da cidade de São Miguel do Gostoso, no Rio Grande Norte, para estimular o comércio local.

A temática de Direitos humanos nos incumbiu para identificar uma situação de conflito em nosso território, e escolhi a Vila Saramandaia, uma comunidade que fica vizinha aos Sítio Azulão, onde conversei com alguns moradores sobre os artigos da Convenção para prevenção e repressão do crime de genócidio; A meu entender, deveríamos ter tido mais aulas sobre essa temática. Senti-me imensamente valorizada ao ser acompanhada pelos professores José Nunes e Rebeca Oliveira; ao perceberem minha dificuldade com escrita e leitura dos textos, deram-me valiosas dicas de como fazer um bom estudo da leitura.

A culminância foi bem tristonha, pois estávamos todos em choque ao receber a notícia do desencarne do Sr. Benedito Miranda Junior, em 13/08/2024, praticamente todos os grupos fizeram homenagens emocionadas. Finalizei o quinto período com a média 8,2.

2.1.6 Sexto Período

Com o eixo “Atuação e sistematização no etnoagroecossistema”, e as seguintes temáticas: Sistematização de experiências; Gestão de águas e resíduos; Silvicultura e Usos florestais; Manejo de etnoagroecossistema; LIBRAS; Manejo ecológico de pragas e doenças, e seus respectivos guardiões: José Nunes; Fernando Porto; Rafael Brás /Eliane Freitas; Ana Claudia; Leane Cordeiro; Valter Evangelista e Nemo Côrtes como convidado, iniciamos o sexto período com o planejamento da imersão na RMR, cujo grupo Recife ficou responsável de escolher os locais para os aprendizados.

Gostei bastante das aulas de manejo de pragas e doenças, e utilizei o defensivo orgânico que o professor Valter Evangelista solicitou que fizéssemos no jardim de minha casa, para controle de pulgões e deu certo. No defensivo que criei, utilizei alho e cebola, coloquei-os em um pano de prato, espremi e ali mesmo foi coado, pois o tecido favoreceu. Coloquei-o numa garrafa com 1 litro de água e borrifador, e usei por 2 dias, nas roseiras, pés de graviola, amora e acerola. Depois disso, a mistura fermentou e o odor impossibilitou o uso. Ele também pediu para fazermos registros de controle biológico, no meu caso, no meu jardim; identificando o inseto, a planta e o inseto controlado.

Gestão de águas e resíduos me fez sair da zona de conforto e procurar próximo à minha casa, locais com resíduos sólidos produzidos pela população, e verificar como é a produção, coleta, separação e reuso desses resíduos; se existiam resíduos líquidos (chorume); se conseguiria identificar aspectos de poluição nas águas, fazer registros fotográficos e utilizar checklist, o que consegui fazer, mas tive um pequeno diálogo com um usuário de drogas que acho que eu estava tirando fotos dele, hoje eu até sorrio quando lembro, mas na hora foi bem tenso.

Outro exercício foi escolher dois lugares visitados para escrever o relato da experiência sobre a imersão. Nós tivemos também uma aula na base de Engenharia de Pesca, onde nos foi mostrado como é coletada água para pesquisas de laboratórios e alguns instrumentos utilizados em pesquisas e práticas.

LIBRAS foi uma experiência fantástica, eu não sabia quase nenhum dos sinais e hoje já consigo me comunicar com pessoas surdas, graças ao alfabeto; fizemos a leitura do livro “A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva

sociointeracionista.”, apenas do capítulo 2: Breve relato sobre a educação de surdos, p 24 a 43, e fazer um resumo e responder a um exercício em sala (junto com Célia, Diogo e Maria Clara); Ainda em LIBRAS, fizemos 2 vídeos: um mostrando o alfabeto e o outro mostrando nosso nome e sinal. Em sala de aula, nos dividimos em grupos e fizemos uma pequena peça, mostrando alguns dos sinais aprendidos, como, onde estudamos, nome do curso, nome do nosso bairro, etc. Gostaria de ter tido mais aulas de LIBRAS.

Uso múltiplos das florestas, nos pediu para escolher um tipo de árvore e fazer um estudo sobre a espécie escolhida. Escolhi pau-brasil, pois tenho um exemplar dela em casa; escrevi sobre seus benefícios (adubação verde, sombreamento), formas de uso (agrofloresta, recuperação de Reserva Legal). Também foram realizados diagramas com as etapas de produção de mudas, como a coleta de sementes, floração e algumas perguntas: como preparar o solo, abrir o berço e plantar? Como manejar a espécie? Provavelmente após meu ESO I, eu teria respondido todas as perguntas sem nem consultar nada.

Na sistematização de experiências, fizemos um exercício de reconstrução da história da turma 2021.2, do primeiro ao sexto período, chamado Trem das aprendizagens, que me ajudou bastante nesse processo de escrita, e que foi utilizado também na culminância. Nele, colocamos temáticas, aprendizados, desafios, e o famoso Quero Mais. Manejo de solos me fez perceber a importância da compostagem no processo agroecológico, pois é um processo que recupera nutrientes dos resíduos orgânicos e os devolve ao solo, enriquecendo-o para a agricultura, principalmente a familiar, e no meu caso, a manutenção do jardim.

Nossa imersão aconteceu de 03 a 07 de dezembro de 2024, na ONG Pequenos Profetas, onde fica o Telhado Verde, que fica na Avenida Sul, Bairro de São José, e é coordenado por Demetrius Demétrio, o local atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social em Recife, e que tem no espaço, uma padaria industrial, uma cozinha para produção dos alimentos dessas pessoas, que auxiliam no processo, e o telhado do casarão é uma verdadeira horta orgânica. A ONG recebe doações de diversos parceiros, inclusive de países da Europa. Almoçamos no R.U. da UFRPE, e após, seguimos para a Estação Ecológica do Tapacurá, em São Lourenço da Mata, que a princípio seria nosso espaço de convivência, para evitar atrasos, porém Professor José Nunes achou melhor sairmos

cada um de seu território e encontrarmos na UFRPE, pois a estrada não estava em boas condições e poderia nos atrapalhar.

Foi a partir desse dia que decidi fazer meu ESO I no local. Vimos as acomodações, o laboratório de sementes, a barragem que leva o nome do rio, os canteiros com as mudas e sementes e conversamos com o coordenador Reinaldo Souza.

No dia seguinte, fomos para a Ilha de Itamaracá, onde Natália, egressa do curso, nos esperava em sua caçara. Fomos recebidos com muito coco e alegria, tomamos caldeirada, conversamos sobre a profissão de seu esposo, que é pescador, e sofreu um naufrágio a alguns anos, suas dificuldades, mas também suas conquistas.

No terceiro dia, fomos participar de um mutirão na Horta Dandara, que fica na divisa de Recife e Olinda, no bairro de Peixinhos, no antigo Matadouro, agora Nascedouro; no quarto dia, vivenciamos o trabalho realizado pela Kapiwara, na comunidade Entra apulso, em Boa Viagem. Assistimos a uma oficina de fabricação de sabão, com os materiais doados pelos moradores (óleo, embalagens plásticas, como garrafas pets, potes de requeijão, etc), que quando levam os materiais, recebem sabão, detergente líquido ou em pasta.

Este é um trabalho de conscientização importante, a comunidade fica ao lado do Shopping Recife, que firmou parceria com a Kapiwara e o Banco Santander. Vimos também o trabalho de compostagem na escola da comunidade, que é da Prefeitura do Recife.

No último dia, fomos até o bairro de Nova Descoberta, onde Alice faz um trabalho de formiguinha junto à comunidade Vila Independência, com a Horta Resistir é preciso! O local era um lixão e junto com mais 16 pessoas, Alice procurou o Centro Sabiá e recebeu assistência técnica e materiais para dar continuidade à produção: tudo que era plantado e colhido, era distribuído para os moradores. Eu soube desta história quando estava no segundo período do curso, ou seja, em 2023. Voltando nesse último momento, me deparei com um cenário de cortar o coração. Já não havia quase nada plantado, pois o contrato com o Centro Sabiá durou um ano e meio. Todos envolvidos recebiam ajuda de custo do projeto; sem isso ficava difícil prosseguir.

Além de uma pessoa que se autodeclara líder comunitário, ao que Alice deu a entender, estava dificultando os moradores de prosseguir com as atividades. Mas uma boa notícia: pelos status do aplicativo de mensagens de Alice, vi que retornaram a cuidar da horta e que já estavam colhendo os frutos desse novo trabalho. Saímos de Nova Descoberta e seguimos para o Poço da Panela, na Zona Norte do Recife, onde está localizado o Jardim Secreto, que hoje é um espaço de convivência dos moradores do local, e que fazem a manutenção do mesmo, mas que desde 2017 veem fazendo um trabalho de recuperação do local, que era utilizado para acúmulo de lixo doméstico e de restos da construção civil.

Finalizamos nossa imersão com um almoço vegano no local. E de 11 a 13 de dezembro, tivemos o 2º “CIADT” e 11º “SEADET”, promovido pela ABA, na UFRPE, com conferências, mesas redondas, rodas de conversa, apresentações culturais, e muitas perspectivas sobre o tema: “Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas”. Ao final do período, o grupo Recife fez na culminância um recital de poesias, descrevendo toda imersão e de cada temática, com a minha participação e de Célia, Diogo e André Pará. Finalizei o período com médias 7,4 e 8,0 (optativa).

2.1.7 Sétimo Período

Penúltimo período...a responsabilidade de fazer o melhor aumentando... sigamos. Com o eixo temático “Avaliação e Sistematização no etnoagroecossistema, as temáticas Sistematização no etnoagroecossistema” (Aplicação de metodologias de avaliação e análise da sustentabilidade, Sistematização de experiências, Expressões culturais do campesinato); Estágio Curricular Obrigatório I e Tópicos especiais (optativa: Extensão rural agroecológica e Gestão de espaços coletivos: metodologias e planejamento participativo), com as guardiãs Ana Paula Neves, Gilvânia Vasconcelos, Júlia Figueredo, Ladjane Silva e Letícia Costa e Silva (optativa).

Nossa primeira aula foi exatamente sobre o planejamento do semestre, organização dos grupos de autogestão. Tivemos como convidada Maitê Maronhas, que falou sobre resiliências; tivemos orientações sobre as documentações do ESO I,

e perguntei se poderia ter um orientador para o ESO e outro para o Memorial, e que tive como resposta: “não acho que tem problema, acho que sim”.

Então, na primeira semana de maio, enviei a documentação preenchida com o nome do professor Fernando Porto, para o ESO I. Na semana da 2ª V.U. me informaram que o orientador teria que ser o mesmo para os ESOs e Memorial. Afirmar que não iria mudar de orientador, pois é muita burocracia (mudar documentos, reenviar, etc), e já existe uma relação de cumplicidade com o professor Fernando Porto. Seguimos tendo aulas, e tivemos que: conversar com o orientador (Fernando Porto); definir o local do estágio (Estação Ecológica do Tapacurá); definir o supervisor (Reinaldo Souza), preencher os documentos para formalizar o ESO I (Termo de Compromisso de Estágio, que tem que ser assinado por todos os envolvidos).

Também ficou combinado que os supervisores dos estágios iriam apresentar o local definido, posteriormente. E na semana seguinte, seguimos na imersão para o Agreste/ Zona da Mata, no dia 19/05/2025, para Glória do Goitá, onde fomos conhecer o SERTA, onde fomos recebidos por Leandro Pacheco, um dos instrutores que oferecem formação e assessoria rural (ambiental, agroecológica e permeacultural) com cursos de duração de 1 ano e 6 meses, totalizando 1400h, sendo 775h presenciais, em regime de alternância, tendo pólos em Glória de Goitá e Ibimirim.

No dia 20/05, ainda em Glória do Goitá, fomos para a propriedade de Sr. Alonso pela manhã, choveu bastante, mas ainda assim fizemos atividades; Museu do Mamulengo e do Cavalo-marinho pela tarde. Dia 21/05, conhecemos o Sítio Jurema, de propriedade de D. Ivoneide, em Cumaru; ao sairmos, seguimos para Caruaru, onde nos hospedamos no Centro de Formação Paulo Freire, no Assentamento Normandia, coordenado pelo MST.

No dia 22/05 aprendemos um pouco da história do MST e do local, fizemos uma caminhada para conhecer a fábrica de bolos, a Associação do Assentamento Normandia, e as matas reflorestadas. Pela tarde, fomos nos deliciar com a história e a música da Banda de Pífano do Quilombo dos Carapotós, também em Caruaru. Voltamos ao Normandia, onde houve uma noite cultural, e na manhã seguinte, fomos para a comunidade Palmatória, onde nosso colega Micael nasceu, assim

como boa parte de sua família. Seguimos para o Alto do Moura, onde tivemos uma oficina de artesanato com as Mulheres do Barro.

De volta a Recife, o temido relatório começou a ser digitado; para Avaliação e análise da sustentabilidade, escrevemos sobre a relação possível de ser estabelecida entre resiliência, sustentabilidade e agroecologia, deixando claro como os três temas dialogam entre si e a partir de qual perspectiva de cada um estaria me aprofundando; em Expressões culturais, tivemos que identificar, e apresentar as expressões culturais de cada território visitado e também refletir em sua contribuição ou não para os processos de transição agroecológica;

Em Sistematização, escrevi uma carta ao orientador, defendendo a relevância de seu tema para desenvolvimento do seu Memorial. Escrever o que pretendo aprofundar, como quero fazê-lo, porque é importante a escrita e o para que de meu trabalho. Para a Optativa Extensão Rural: Ler “Manifesto Comunista”, de Marx e Engels e responder a 4 perguntas norteadoras. O mês de junho chegou com a necessidade de me organizar para passar 30 dias na ETT, malas, mochilas, caixas com comida, caderno para anotações, o Livro dos 100 anos da UFRPE para me ajudar nas pesquisas, notebook...

Já havia conversado com o coordenador Reinaldo e eu só teria que pagar uma taxa de água e de uso do gás; apenas um detalhe que estava me preocupando desde maio: o fato de não ter nenhum carro da UFRPE disponível para me levar, pois estavam todos requisitados para as ações da SBPC, que seria em julho; carros de aplicativos não conseguem ir, pois a estrada não favorece carros baixos. A minha única opção foi pedir para que minha comadre e amiga Milena pudesse me levar, no que fui prontamente atendida.

Saí de Recife no dia 30/06/2025 sem medo de ser feliz. E fui. Não consigo imaginar outro lugar para ter realizado meu estágio. Encontrei um motivo para seguir os estudos e dar um novo significado para minha vida. Reescrevo aqui um trecho do meu relatório, onde falo um pouco sobre: “Desde que vim pela primeira vez com os professores José Nunes e Ana Cláudia Lima para conhecer o possível local onde ficaríamos na imersão da RMR, em dezembro, as ruínas me chamaram bastante atenção. Com Sr. Amaro e Jeferson, que são habilitados a pilotar barcos, pude conhecer de perto essa maravilha histórica. Apesar de estar a bastante tempo sob

as águas da barragem, ao chegar perto, percebi que a parede da igreja na parte frontal superior está inabalável. Parece feita de mármore, de tão conservada.

Tem chovido bastante e isso fez o nível das águas subirem tanto que quando chegamos mais próximo da antiga escada de acesso aos pisos superiores, Sr. Amaro falou que devia estar com mais de 1m de altura, geralmente quando está em período de sol, dá para andar sem perigo no chão. Subimos a escada e não fomos pelo corredor de acesso aos quartos, pois além de haver muitos morcegos, tem uma parte do teto que está desabando; continuamos subindo até o antigo telhado e fomos para o sentido contrário, onde está a torre e a antiga capela, que ainda tem a antiga nave.

Muitas plantas, marimbondos, morcegos, aranhas, e até um ninho de urubu, que ficou espiando de longe. Fiquei bastante emocionada por estar em um local que deu origem à minha UFRPE, onde hoje eu estudo; local vivido e utilizado por vários anos e várias pessoas, onde antes não existia nada além de terras, o começo das idéias e ideais do então aluno de Engenharia Agrônômica João de Vasconcelos Sobrinho em defender e perpetuar a natureza, foram tão focadas após a formação em 1930 que criou o Jardim Zoobotânico de Dois Irmãos (atual Parque de Dois Irmãos) em 1939, onde foi diretor por vários anos; virou diretor da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (antiga Escola Superior de Agricultura São Bento), de 1945 a 1957; ainda no final da década de 1940 começou a tratar da desertificação, ganhando notoriedade nacional e internacional, pois foi o primeiro cientista brasileiro a denunciar o problema; foi diretor do curso de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão; vice-reitor, pró-reitor e reitor da UFRPE em 1963; em 1975 assumiu a responsabilidade de criar a Estação Ecológica de Tapacurá, para que futuras gerações pudessem ter conhecimento de sua luta e que a abraçasse da mesma forma.

Também criou duas disciplinas: Ecologia Conservacionista e Desertologia, ambas com foco em ecologia; foi um dos idealizadores da campanha de Reflorestamento do Pau-Brasil junto com Professor Roldão de Oliveira Fontes; foi membro da Sociedade Brasileira de para o Progresso da Ciência (SBPC); é autor do Hino da UFRPE; por seus estudos sobre a caatinga, hoje o dia 28/04, data de seu aniversário, é comemorado o Dia Nacional da Caatinga; a Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos(CPRH) criou o Prêmio Vasconcelos Sobrinho para

trabalhos em defesa do meio ambiente; recebeu inúmeros prêmios como Prêmio Moinho Recife (1975); Professor Emérito do Departamento de biologia da UFRPE (1982) e também publicou livros como Dicionário de termos técnicos de botânica (1945), Catecismo da Ecologia (1979), nos deixando um legado de infinito aprendizado”.

Eu simplesmente virei fã de João de Vasconcelos Sobrinho. De volta a Recife fizemos um exercício de planejamento participativo em grupo, sobre a FOFA, onde o foco foi a Ecofeira Rural. A culminância foi baseada na cultura popular, onde criamos os personagens de garrafa pet para simbolizar as pessoas que visitamos, em forma de mamulengo. Ao final do semestre, notas 7.4, 7.5 e 9.0.

2.1.8 Oitavo Período

Com o eixo temático Sistematização no etnoagroecossistema, e o corpo docente composto por Júlia Figueredo, Gilvânia Vasconcelos e Vagner Lopes (optativa), iniciou-se o oitavo período, o derradeiro período!

Escrever esse Memorial me deixou bastante nostálgica... chorei inúmeras vezes, parei por dias... difícil não me emocionar procurando as fotos para a apresentação, reler os relatórios, lembrar de algumas discussões em turma... e ainda nem acabou!

Tivemos a oportunidade de ir à Biblioteca Central, para que pudéssemos ter uma aula sobre as regras da ABNT, principalmente por causa da formatação do Memorial. Ainda nesse dia, foi-nos apresentado o roteiro com as datas importantes, como as apresentações dos supervisores e dos locais dos estágios. Gostei bastante da professora Júlia ter tido a iniciativa de realizar acompanhamentos individuais desde o sétimo período para tirar dúvidas e saber como estava o desenvolvimento da escrita.

Em outubro fomos junto com o sexto período para o 13º CBA, em Juazeiro, Bahia. Saímos de Recife no dia 14/10 e voltamos no dia 19/10, porém o CBA começou no dia 15/10 e findou dia 18/10;

Foram dias intensos e quentes, muito quentes! A orientação das professoras foi que deveríamos assistir apresentações de trabalhos de acordo com as optativas. Mesmo não estando matriculada na optativa sobre feminismo, assisti a Plenária das

Mulheres; no dia seguinte, recebi a notícia da passagem de uma das irmãs de meu pai, minha querida Tia Zélia.

Mesmo triste com a notícia, assisti às apresentações no Tapiri de Saberes Sistemas Produtivos Agroecológicos. No dia seguinte, em consideração ao desencarne de minha tia, optei por não sair. No dia 18/10, fui conhecer a cozinha solidária, junto com todos os alunos da minha turma e as professoras, que após o almoço, fizeram uma rápida avaliação, onde cada um opinou sobre a experiência no CBA. Devo confessar que desanimei demais nesse último período, pois a burocracia da UFRPE quase me fez infartar.

O TCE, que é um documento simples de preencher, dessa vez me foi devolvido seis vezes para correções. Seis vezes! E não apenas o meu, os de quase todos da turma, e isso fez com que atrasasse o início do ESO II, que foi realizado no Laboratório de Aquacultura e Sustentabilidade do Departamento de Zootecnia da UFRPE no período de 03 a 28 de novembro de 2025.

Foi interessante descobrir e trabalhar com peixes; também fiz um diário de bordo para facilitar e lembrar de detalhes. Inicialmente, fiz uma limpeza e organização no local; a área externa seria a melhor opção para a horta, mas penso que um local limpo e organizado deixa tudo melhor, até o humor.

No terceiro dia de estágio, Professor Fernando levou os alunos do 6º período para uma aula prática, mostrando o Laboratório, que tem 3 caixas grandes, com cerca de 100 Tenébrios, que são larvas de um besouro do mesmo nome, e que tem alto potencial sustentável por conseguir digerir materiais como caixas de ovos, isopor mais fino, bitucas de cigarros, etc ; os tanques (de 500 litros, com 2 Tilápias, e de 150 litros com 18 Acarás-Brasil), e alguns tanques de 150 litros com amostras de plantas aquáticas, no lado externo.

Fico grata à turma 2022.2, pois me ajudaram a implantar a horta. Utilizamos potes plásticos, garrafas plásticas, canos de PVC grandes, para a horta horizontal, terra adubada (Bubalinos); em 2 potes grandes separados, foram colocados pedaços de Tilápia e rúculas plantadas uma semana antes. Plantamos sementes de: rúcula de folhas largas (4 potes), pimenta doce comprida (2 potes), coentro verdão (2 potes), couve manteiga (2 potes), tomate Santa Cruz (5 potes), rúcula norma (4 garrafas), pimentão (5 garrafas), mamão (2 potes), couve (2 potes), beterraba (4 potes), coentro (4 potes), alface lisa (3 potes), coentro Taboca (1 garrafa). Oito dias

depois, percebi que nem todas as sementes vingaram, mesmo com a irrigação com água retirada do tanque das Tilápias.

Vi a necessidade de replantar as sementes, o que fiz no dia 13/11/2025 e fui observando, fazendo a manutenção, irrigando. No dia seguinte, uma das tilápias apareceu morta, e a que continuou no tanque estava apresentando comportamento estranho: não queria comer a alguns dias e brigava com a outra; estávamos colocando 4 tipos de ração e ela não aceitava. Segui com a manutenção na horta e coloquei o peixe morto no saco onde havia terra adubada, a pedido do professor Fernando.

No dia 19/11/2025, descobrimos o motivo pelo qual a Tilápia não comia: ela estava guardando cerca de 15 filhotes na boca. Deixamos a família no mesmo tanque para verificar o comportamento.

Em 21/11/2025, percebi que as mudas já estavam bem crescidas, com cerca de 8 cm. Continuei a irrigação com água do tanque. Ao chegar no dia 24/11/2025 no Laboratório, Anderson, que é aluno da Zootecnia, percebeu que a fêmea comeu 9 dos filhotes e o professor Fernando nos pediu para retirá-los e colocá-los em um tanque menor, na parte exterior.

Como só havia tanques com plantas aquáticas, os colocamos no maior. Durante a semana segui com as irrigações, e por fim, dia 28/11/2025 concluí meu ESO II.

Na semana seguinte, meu orientador pediu-me que levasse todas as mudas para casa, pois o DZ entraria em recesso, e as mudas acabariam morrendo, sem irrigação. Estão em minha casa, desde então. Muitas já serviram de alimento para meu jabuti, Jacó.

Apenas os tomates seguem em crescimento. Apesar do período ainda não ter sido concluído, já tenho nota 10,0 na optativa de Solos, o que me deixou muito orgulhosa!!!

É isso. Assim, em 09/02/2026, às 10h, na Sala de Seminários Francisco Caporal, no Departamento de Educação, este memorial será apresentado por mim.

2.1.9 Outras Atividades

Paralelamente, participei das atividades:

- . Ação Pedagógica da Secretaria de Educação na Escola Walfrido Advíncula (em 2024);
- . Exposição Nordestina de Animais (anos 2013, 2014, 2016, 2022, 2023 e 2024);
- . Agrinordeste (anos 2015, 2016, 2017 e 2019);
- . 60 Anos do Departamento de Educação da UFRPE (em 2025).

2.2 Escolha da temática

A formação agroecológica veio para complementar minha trajetória como técnica em agropecuária; mudei minha percepção sobre Agroecologia a partir da temática Manejo de Etnoecoagrossistemas, fazendo-me despertar para os benefícios dos Sistemas Agroflorestais, do Reflorestamento, tendo mais consciência ecológica, pesquisando sobre o assunto, o que me levou a realizar meu Estágio Supervisionado Obrigatório 1 na Estação Ecológica do Tapacurá, que além de ser uma Unidade de Conservação, também realiza os trabalhos de pesquisa da fauna, flora e espécies da Mata Atlântica que são reproduzidas através de sementes e mudas(como pau-brasil, Ipês amarelo e roxo, Ingá) para doação; observei também materiais sobre o professor João de Vasconcelos Sobrinho, que foi criador da Estação Ecológica do Tapacurá, dentre outros projetos.

O Manejo de Etnoecoagrossistemas tem como base a aplicação de princípios ecológicos para fortalecer os processos naturais, respeitando a biodiversidade, a conservação do solo e a diminuição de insumos externos. Isso envolve equilíbrio ecológico; fertilidade do solo; resiliência; sustentabilidade ambiental e valorização da agricultura familiar, o que faz com que as práticas da adubação orgânica, compostagem, sistemas agroflorestais e manejo ecológico de pragas sejam valorizados e primordiais na Agroecologia.

Pretendo assumir uma postura de extensionista, porque é minha vocação e ao longo do texto eu faço várias afirmações positivas sobre minhas vivências de extensão.

3 CONCLUSÃO

Percebo que minha mala não tem só certificados, tem um novo modo de entender o mundo; aprendi que a terra não é apenas o suporte para as plantas, é um organismo vivo e que pulsa. Na minha mala, coloquei a compreensão dos processos ecológicos, o manejo da biodiversidade, a justiça social que caminha com a produção de alimentos. Aprendi a dar valor à ancestralidade, e a devida importância à transição agroecológica como instrumento de resistência e soberania alimentar. A minha formação deixou de ser apenas uma carreira e passou a ser meu propósito; a Agroecologia me ensinou a cultivar não só mudas, mas também a paciência e o respeito, virtudes que adotei não só para lidar com a terra, mas em minha vida e nas minhas relações. Pretendo viver e atuar em um mundo que seja incentivador das pesquisas, que formule políticas de incentivo de uso da agroecologia em largas escalas e que preserve a natureza; então, atuando com gestão, pesquisa ou extensão, a meta é a conservação da água e da natureza, a pureza das sementes tradicionais, a valorização da educação e dignidade de quem cuida e trabalha a terra. Olho para o futuro com os pés no chão, com o compromisso de preparar não só mudas, mas esperança; que a Jaciane agroecóloga seja o reflexo da fertilidade preparada durante o curso.

REFERÊNCIAS

GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e comunicação numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 1997. p. 24-43.

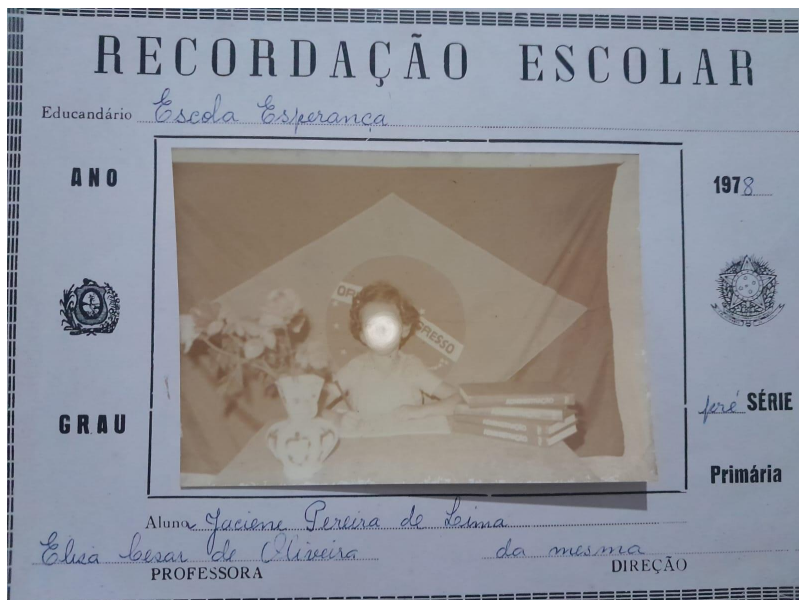
LANE, Sílvia T. A dialética da subjetividade versus objetividade. In: FURTADO, O. e GONZALEZ REY, F. Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a Teoria Sócio-histórica e a Teoria das Representações Sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SANTANDER, F. O Extensionista/Felipe Santander; tradução Salvador Obiol de Freitas—São Paulo: Hucitec, 1987.

WILSON, Edward O. Diversidade da Vida/Edward O. Wilson; tradução Carlos Antônio Malferrari—São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Título original: The diversity of life.

ANEXO

Figura 1. Recordação Escolar Alfabetização



Fonte: Acervo da Autora(1978)

Foto 2. Recordação Escolar Ensino Fundamental



Fonte: Acervo da Autora(1982)

Figura 3. Placa da Escola do Ensino Médio



Fonte: Acervo da Autora(2015)

Figura 4. Formatura Técnica em Agropecuária



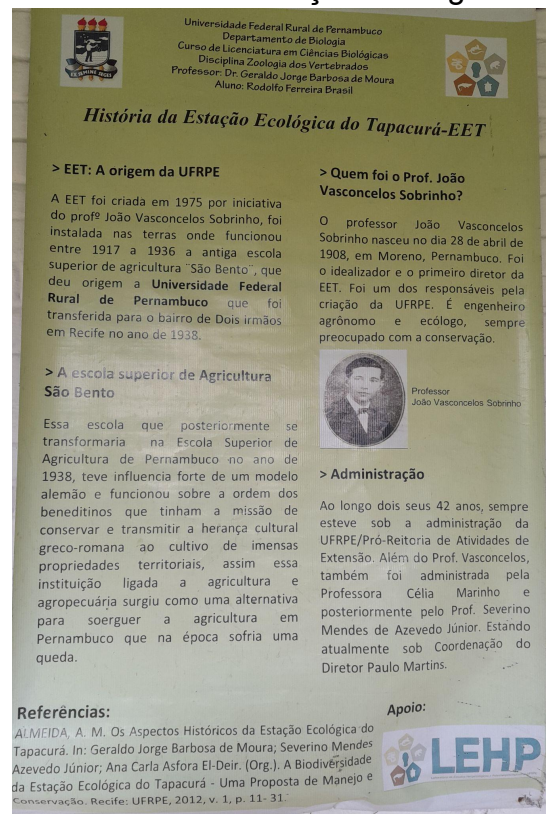
Fonte: Acervo da Autora(2017)

Figura 5. Estágio Supervisionado Obrigatório 1



Fonte: Acervo da Autora(2025)

Figura 6. Banner sobre a Estação Ecológica do Tapacurá



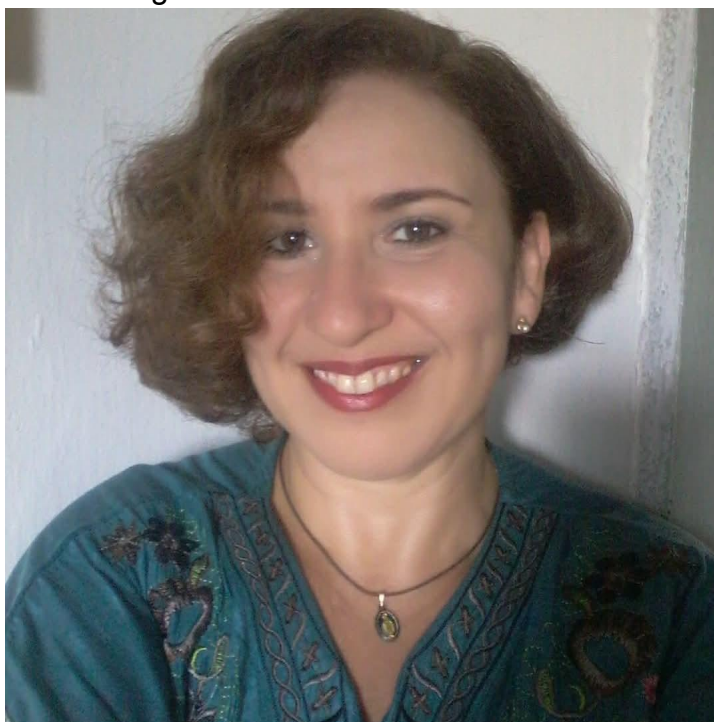
Fonte: Reprodução(Rodolfo Ferreira Brasil,2017)

Figura 7. Ruínas da Escola Superior de Agricultura São Bento



Fonte: Acervo da Autora(2025)

Figura 8. Jaciane Pereira de Lima



Fonte: Acervo da Autora(2023)